

## 1. Papel do Escritor na Sociedade

O escritor, para produzir literatura, não apenas assiste e observa a realidade do lado de fora. Integra-se na realidade, nela participa. Constrói também ele a Sociedade libertada a que pertence, destruindo o velho, erigindo o novo. Não é um mero espectador mas um interveniente no desenvolvimento social. Não se oculta aqui que a própria herança recebida do passado colonial pelo Povo ao conquistar a sua libertação — de ignorância, de recalcamento, de obscurantismo e de incomunicação social — condiciona ou mais precisamente limita a possibilidade de relações entre o escritor e a Sociedade. Num país em que o Povo emergiu para a identificação nacional com 98 por cento de analfabetos, poderá parecer que a literatura, servindo ainda uma diminuta minoria, é um exercício que falseia os objetivos de uma íntima e permanente comunicação que à partida se propõe. Mas na verdade não falseia, porque a literatura acompanha a globalidade histórica do progresso nacional em todos os sectores. E o escritor, como componente de um colectivo, contribui para alargar a área em que pode expandir a sua produção.

Temos em consideração que as largas massas, ganhando uma consciência de classe e não estando influenciadas por formas alienatórias da cultura, conseguindo progressivo acesso à nova literatura moçambicana, se integrarão, em plenitude da sua personalidade, no livre processo de entendimento

# Literatura moçambicana e implicações políticas

*Paper presented by José Claveirinha and Orlando Mendes to the Symposium on the Function of Modern African Literatures, Frankfurt, FRG, 4-6 October 1980.*

e comunicação exigido pela Sociedade que construímos. Esta diferente e íntima capacidade receptiva das massas, aumentará necessariamente a responsabilidade do escritor.

Convém acentuar que nenhum escritor moçambicano é profissional e que, entre outras tarefas em que se empenha, a produção de literatura não representa a actividade principal. E por outro lado, o país constituído em República Popular, conta com apenas cinco anos de existência. Mas há um passado de que o escritor vem, há um presente em que actua, um futuro para o qual conscientemente se orienta.

No passado, o escritor foi colonizado. Escreveu, suportando e sofrendo especificamente as formas de opressão, humilhação e repressão a que a máquina colonial-capitalista sujeitou o povo para manter a ocupação e a dominação. Procurou resistir à imposição política de uma cultura estrangeira mas não deixou de ser marcado pelas suas influências dado que estava cercado pelo sistema. Todavia, soube estabelecer, pela sua sensibilidade e pela sua capacidade de percepção, os valores de cada fase de evolução. Cumpriu a missão de, não criando totalmente a realidade, sentir os seus efeitos, realizar através da criatividade, a antecipação, pela denúncia, dos acontecimentos previsíveis. Transmi-



**Luandino Vieira,**  
romancista  
e contista  
angolano,  
de que temos  
podido ler em  
Moçambique  
vários livros,  
e de um dos  
quais,  
«A vida verdadeira  
de Domingos  
Xavier»,  
se extraiu  
o argumento  
do conhecido  
filme  
«Sambizanga».

tiu a sua mensagem, procurando a autenticidade no valor da literatura como arma por vezes tão frágil e destrutível como o seu portador. Assim, assumiu a resistência, o protesto e a confrontação, desencadeou o sentido da aspiração nacionalista. Claro que não deve fazer-se coincidir por completo, com situação nesse passado, aspiração nacionalista com conceito de pátria. Alguns foram movidos por impulsos idealistas que, se tiveram função útil no papel catalizador da literatura, se mostraram depois incompatíveis com a definição prática de nacionalidade em termos de libertação real. Isto se refere à zona ocupada pelo inimigo. Mas desencadeou-se a luta de libertação nacional organizada que escolheu a via armada como a única possível para expulsar o colonialismo e conquistar a Independência.

É parece-nos oportuno lembrar ou dar a conhecer algumas passagens de uma comunicação intitulada «O nascimento de uma nova Cultura» que a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) apresentou no Seminário sobre «A influência do colonialismo sobre o Artista, o seu Meio e o seu Público nos países em Desenvolvimento» realizado em Julho de 1971 em Dar-Es-Salaam, sob o patrocínio da UNESCO, comunicação que é uma síntese da nossa posição, em tanto que já revolucionária, perante o antagonismo de culturas no contexto da luta de classes:

Estamos a construir uma cultura que assume as dimensões geográficas e histórica de todo o povo, uma cultura que está a fazer com que as massas numa determinada região assumam como seus os valores de uma outra região. As danças de Gaza são conhecidas e dançadas em Cabo Delgado, o povo do Niassa começa a conhecer e depois a desenvolver os ritmos musicais de Manica e Sofala e Tete, a escultura maconde deixa de ser exótica e estrangeira para se tornar nacional.

A herança cultural que o povo sujeito à dominação colonial recebeu no acto da Independência, continha características ainda profundas da tradição feudal mas estava praticamente isenta da influência estrangeira que se exerceu ao nível de uma minoria em condições de a assimilar. Os escritores

rejeitaram-na mas não ficaram inteiramente imunes. Das zonas libertadas pela luta armada nos vieram as linhas de orientação e os resultados da sua prática em situações limitadas que haveriam de ser comprovadas em toda a área nacional. O produtor de literatura, que sempre esteve sujeito à repressão do regime colonial, assumiu no país libertado o novo sentido de responsabilidade do seu papel na Sociedade para a reconstrução nacional e para a construção do Socialismo.

A produção literária moçambicana actual é, de maneira geral, da autoria de intelectuais, que se identificam com as massas populares, embora surja uma ou outra tentativa meritória por parte de trabalhadores reprodutivos. Não pode considerar-se esta situação anómala nem sequer estranha, porquanto o país, à data da Independência, contava com mais de 90 por cento de analfabetos. Apesar de todos os esforços possíveis na alfabetização e educação de adultos e do vigoroso impulso no campo da educação de crianças e jovens desde que o ensino foi nacionalizado, não é ainda possível que a cultura de massas se manifeste pela produção literária escrita de operários e camponeses. Muitos, porém, serão os trabalhadores capazes de pensar poesia e histórias segundo a nossa riquíssima tradição oral. É nosso propósito criar-lhes condições para os ouvirmos e escrevermos a sua produção. Têm o direito de estar connosco na literatura, e é dever do escritor levar o seu engajamento a não deixar perder-se esse manancial literário latente, incapacitado para o revelação e que pertence ao Povo e ao País. Recorreremos à oralidade para o transmitirmos pela escrita.

Uma questão que se põe desde já ao escritor moçambicano é a seguinte: como e para quem escrever?

Mas antes de tentarmos responder-lhe, citaremos a parte final da comunicação que, como o título «A questão da cultura», os escritores moçambicanos apresentaram à VI Conferência dos Escritores de África e Ásia, realizada na capital da República Popular de Angola, de 26 de Junho a 3 de Julho de 1979:

«Os escritores moçambicanos encetaram os primeiros passos para se organizarem como força ao serviço da nova sociedade que estamos a construir. A escolha é clara e impõe-se porque o escritor moçambicano participa activamente na reconstrução nacional e sabe que para todos os trabalhadores — e ele é-o também usando como ferramenta a palavra — a comparticipação por direito próprio no património universal exige como condição básica a realização e consolidação no nosso espaço político, económico e, sobretudo, cultural, da verdade e da independência. Entendemos que a literatura tem o seu lugar, o seu papel e a sua função na frente cultural do combate contra a burguesia, contra o capitalismo e o imperialismo, pela dignificação do homem e da personalidade nacional, pela felicidade, pela Justiça, pela Solidariedade e pela Paz».

Mongo Beti,  
romancista  
e romancista  
camaronês,  
do qual o nosso  
público pôde ler  
recentemente  
o romance  
«O pobre Cristo  
de Bomba».





Gérard Tchicaya Tam'si U, poeta congolês

Isto, que subscrevemos colectivamente, mantém-se como posição de princípio do escritor perante o Povo e a Revolução.

Dissemos já que o público, a quem se dirige a produção literária moçambicana, é ainda muito reduzido, pelas razões apontadas. Torna-se porém encorajador que as tiragens de livros que temos editado depois da Independência, são no mínimo de 5 000 exemplares e que se esgotam em pouco tempo, o que nunca aconteceu no tempo colonial.

Mas não nos contentamos com esta panorâmica minimamente optimista. Preocupamo-nos com a captação de mais beneficiários da literatura que produzimos, indo os escritores, no lançamento das suas obras, e em encontros programados, às empresas, cooperativas, aldeias comunais e outros centros organizados, para que os operários e camponeses e os trabalhadores de maneira geral, conheçam a nossa literatura e sobretudo o seu significado, a interroguem, a discutam, a compreendam e nos dêem as suas experiências de que necessitam.

Também poderá o escritor ter um papel importante junto dos trabalhadores nos seus locais de actividade, acompanhando e participando na organização e funcionamento de centros de interesse literário, contribuindo para o despertar da sua energia criadora.

Ainda deve competir aos escritores a intervenção activa na recolha de histórias e poesia da literatura oral, de grande riqueza na tradição moçambicana, sua selecção e divulgação popular. Neste trabalho interessa explorar não apenas a criação transmitida do passado mas também as pujantes fontes de criatividade que existem entre os combatentes da luta armada de libertação e os da resistência militante e nas populações que viveram e vivem nas chamadas zonas libertadas. Mas torna-se fundamental estabelecer uma interligação sistemática entre todas as entidades que se propõem o mesmo objectivo, em especial entre os escritores e os Círculos de Interesse Literário de locais de trabalho e das escolas.

Igualmente nos preocupamos em contactar com os jovens nas escolas e nas Organizações Democráticas de Massas, para despertar o gosto pela leitura de literatura, pela criação literária. E também procuraremos impulsionar a criação de bibliotecas em

locais de trabalho e escolas a que ofereceremos os livros que escrevemos.

Nas nossas escolas existem Círculos de Interesse Cultural que, a partir do ensino secundário, incluem actividades literárias. Estas actividades destinam-se a estimular a criatividade literária, analisar colectivamente a produção e dela dar conhecimento aos companheiros da sua própria escola, promovendo assim a oportunidade de integração de outros elementos. Deste modo se vão revelando novos valores que através da Imprensa periódica também divulgam mais amplamente os seus trabalhos.

Espera-se que numa fase mais adiantada, aqueles Círculos de Interesse possam ter contactos com escritores já firmados, numa dinâmica colectiva do ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo eles se constituam elementos da ligação escola-comunidade no campo cultural e especificamente, no campo de conhecimento da literatura.

Também está dentro das perspectivas que a União dos Escritores Moçambicanos proporcione e oriente trocas de experiências entre as actividades literárias dos nossos Círculos de Interesse e organizações idênticas de outros países.

## 2. Engajamento político e estético

Quando se põe esta questão, na literatura, podem surgir equívocos que de resto foram sempre suscitados nos períodos históricos de transição ou transformação social.

Ora o escritor, ao procurar interpretar a realidade, observa-a e dela tenta reter a verdade e a autenticidade. Desse modo, a literatura está intimamente ligada às aspirações de um período, de uma época, de um povo. Citaremos aqui a resposta de Jean Paul Sartre a uma pergunta sobre compromisso da literatura: «Se a literatura não é «tudo», não vale uma hora de sofrimento. É isso o que quero significar por «compromisso». Ela define-se a reduzir-nos à inocência, às coisas fúteis. Se cada frase escrita não ecoa a todos os níveis do homem e da sociedade, não significa nada. A literatura de uma época é a época suportada pela sua literatura».

O escritor que não suporta o contacto com a



Bernard Dadié, novelista, contista e poeta da Costa do Marfim, de quem este ano lemos em Moçambique, o livro de contos «O pano preto»



Chinua Achebe, novelista e editor nigeriano

verdade, que lhe vira as costas enfadado, repudia a sua razão de ser. Aquele que encara a verdade e está disposto a captá-la, imediatamente depende da sociedade e se liberta na medida em que a sociedade se liberta. E também contribui para que a Sociedade dele dependa e com ele se liberte. É um fenómeno de osmose no processo da comunicação escritor — seu público, homem — Sociedade. E isto é sempre engajamento político, em qualquer tipo de Sociedade. É através dele que o escritor obtém o material com que vai criar, o conteúdo, ou antes, vai, através das palavras, seu meio de expressão, restituir o que recebeu. Devolve-o sob nova forma em que intervém a estética. O fundamento da literatura não é, porém, a estética, é a interpretação da realidade. Mas não podemos ignorar que a literatura existe como arte, processo de comunicação que tende à perfeição formal. Portanto, conteúdo e forma são indissociáveis. A sua associação não constitui um acto consciente, mas constitui-o a sua dissociação. Coarctar deliberadamente o valor estético que o escritor é capaz de emprestar a uma obra que produz, para dar importância catequética ao conteúdo, em nome de urgência de comunicação duma mensagem, pode encontrar justificação pessoal, mas não justifica o escritor nem a literatura perante a Sociedade, não prestigia o autor nem a obra nem serve quem os espera. O escritor fará então discurso e não literatura. Também tomar o estético como factor supremo da produção literária, serve em geral para camuflar a incapacidade de captar um conteúdo na época de vivência ou para garantir a vivência desprezando a convivência, a incapacidade de ajustamento total ou parcial com a realidade social. Então e af, o escritor abstém-se e só sobrevive como tal aparentemente. Num jogo de cada vez maior e mais orgânica introversão, está demissionário.

Se deve ser ambição de todo o escritor, atingir a perfeição, utilizando a temática e manejando-a pela forma, a enriquecer os dois dados num esforço paralelo e por fim único, não poderá, contudo, pro-

clamar-se nobre arauto da arte de bem escrever que serve várias outras actividades que usam a palavra mas não se aparentam com a literatura: a advocacia, a ciência, a crónica, a história, a política. A verdadeira grandeza de um escritor está em pretender atingir a perfeição artística não subestimando a importância da beleza na linguagem, seu instrumento, mas aprofundando também e enriquecendo as suas relações com a realidade, através da percepção e captação do mundo objectivo na sua essência. Assim se recusa ao aristocratismo e ao populismo, rejeita a padronização.

Armado deste potencial de saber artístico, complexo e que lhe atribui a responsabilidade não o privilégio de ser um criador, o escritor assume-se, quer saiba ou não reconhecê-lo, testemunha e transmissor da verdade na sua época. Está engajado permanentemente pelo compromisso, sem evasivas, atento e não contemplativo, com a vida dos Homens e da Sociedade.

E repudiamos o chamado «conformismo revolucionário». Considerámo-lo uma atitude pelo menos fraudulenta, que nega aparentemente o esteticismo como fundamento mas, na verdade, o consagra, utilizando a fisionomia natural — burguesa (e aristocrática) — na intimidade da criação e nos círculos familiares, e pondo a máscara demagógica na praça pública. Engana os que de boa fé lhe consomem a produção e atraiçoa a arte que exige de nós fidelidade para que a cultura literária seja verdadeiramente um instrumento da nossa personalidade e de universalidade para os que queiram entender-nos na identidade própria que possuímos.

### 3. Arte e propaganda

A literatura entendida como pretendemos no subtítulo anterior, não tem preocupação imediata de fazer propaganda doutrinária ou artística, porque não serve nem propõe directamente soluções. Comunica a sua visão da realidade social necessariamente apoiada ou violentada por uma ideologia, e, por esse meio, influencia a sociedade que previamente o influenciou e determinou a criação da sua obra. Literatura é obra de arte, não é cartaz para

Ousmane Sembène, novelista, contista e cineasta senegalês, de que foi posto à venda este ano em Moçambique, a novela «Xala» de que se extraiu o argumento do filme «O feitiço», por ele próprio realizado e também exibido entre nós



turismo nem planfeto para distribuição ao domicílio. Não aceitamos nenhuma forma de indústria cultural.

#### 4. Protesto e exílio

O protesto foi na literatura moçambicana do tempo da colonização, uma atitude válida para a sua época e precursora de outras fases que se aproximaram da luta directa. Nos anos que precederam imediatamente a fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), a poesia, foi ganhando maior força de conteúdo e maior valorização formal, mais consciente adesão à causa nacionalista que, uns pressentiam e outros estavam já certos, haveria, em breve, de confrontar-se direc-



Aspecto da conferência de Imprensa concedida por escritores africanos no final do Symposium

tamente com o colonialismo para a conquista da Independência. Atinge-se uma situação tensa em que se publicam alguns livros, se publica em jornais e revistas o que escapa à fúria da censura, se correm riscos perante a forte repressão da política colonial-fascista. Criada a FRELIMO que proclama desde logo a legitimidade de todas as formas de luta e dá prioridade à guerra de libertação que se desencadeia em 1964, a literatura assume novas formas de expressão e conteúdo, mais agressivas na que se não publica ainda então, de desafio e protesto que acompanham e apoiam o esforço nacional na confrontação imediata e irreversível com a cultura imposta pelo invasor estrangeiro.

Alguns escritores não se acomodaram simplesmente à perspectiva do protesto que constituía uma fórmula de diálogo com o ocupante estrangeiro. Engajaram-se na clandestinidade, foram presos, condenados a encarceramento nas cadeias da polícia política. Outros preferiram o exílio, não em fuga a responsabilidades e busca de seguro conforto, mas para mais consequentemente se realizarem, participando inteiramente na criação ou no desenvolvimento do movimento de libertação, como combatentes.

#### 5. Algumas breves considerações finais

Poderíamos terminar aqui o tratamento do tema

proposto: «Literatura moçambicana e suas implicações políticas». Mas gostaríamos de acrescentar algumas breves considerações finais. E falamos partindo de transcrições parciais do discurso proferido pelo Ministro da Educação e Cultura da República Popular de Moçambique na sessão de abertura do «Encontro de especialistas em estrutura social, transformação revolucionária e cultura na África Austral», patrocinado pela UNESCO e que se realizou na cidade de Maputo, em Julho de 1976»:

«A cultura moçambicana é o elemento de consolidação da unidade nacional e parte integrante da personalidade moçambicana. A personalidade moçambicana é produto da resistência desde sempre oposta por todo o nosso povo à ocupação, à exploração e à opressão estrangeiras. É esta resistência fundamentalmente cultural, que em dado momento assume a forma política, armada, economicamente, para depois se transformar em guerra popular revolucionária. É nesta transformação que a personalidade moçambicana assume novos valores: os valores da classe operária e camponesa. Por isso assume igualmente a dimensão internacionalista da luta. (...) Com a definição da nossa cultura em termos de revolução — ou da revolução em termos culturais — foi definido também, claramente, que os valores culturais estrangeiros no nosso país, são todos aqueles valores culturais das classes dominantes do colonialismo, do capitalismo, do imperialismo. Teorias como da negritude ou da autenticidade africana nada mais são do que teorias das classes dominantes do neocolonialismo, do imperialismo. A cultura moçambicana, anti-imperialista e antineocolonialista, afirma-se em termos de ruptura violenta contra essas teorias racistas, burguesas e, portanto, reaccionárias. São teorias que visam apenas desviar as massas trabalhadoras dos seus objectivos de luta, e servir os novos exploradores, apesar de historicamente desmascaradas».

Estamos presentemente desenvolvendo um processo de transformação permanente na consolidação da democracia popular para a construção do Socialismo. Mas, a quatro anos de distância, o que transcrevemos, mantém a força da validade original. A literatura é componente da cultura revolucionária, arma na luta de classes que no nosso País se agudiza. A República Popular de Moçambique, que tanto beneficiou do dever internacionalista durante a luta de libertação do seu Povo e continua a beneficiar no esforço de reconstrução nacional, assume-o para com os povos ainda oprimidos, assiste-os com solidariedade e apoio às suas justas aspirações da luta pela liberdade. Também a nossa nova literatura não ficará encaixilhada pelas fronteiras e tenderá a corresponder-se com a literatura de vanguarda dos países que marcham na via revolucionária ou que lutam contra a opressão, incluindo a cultural. □